



**ESPECIAL**

# **Ela deu a vida ao pai**

HENRY HURT

***Quando pequena, Patti Szuber era conhecida como a garotinha de bom coração. Todos, de animais perdidos a colegas solitários, seguiam-na até em casa. Ela parecia ter uma empatia natural pelos outros e uma compreensão quase intuitiva de que o maior presente que podemos dar somos nós mesmos. Era sua marca, e tornou-se seu destino.***

**J**EANNE SZUBER bateu no escuro procurando o telefone ao lado da cama. A voz era estranha e ela viu que o relógio digital marcava 4h40min. *Na certa é engano*, pensou, enquanto tentava assimilar o que dizia a mulher educada, com sotaque sulista.

– Céus, não – disse asperamente, com as sobrancelhas franzidas. – Nossa filha não tem uma pena tatuada no pé. Do que está falando?

Do outro lado da linha, na sala de emergência de um hospital no Tennessee, explicavam que uma jovem, identificada pelo acompanhante como Patti Szuber, sofrera um acidente de carro. Um arrepio percorreu Jeanne Szuber.

– Espere – disse, com voz trêmula. – Talvez Patti tenha uma tatuagem. Ela me pediu para fazer e eu disse que não. Talvez tenha feito assim mesmo. E ela está acampando no Tennessee.

Silêncio. Jeanne sentiu o marido, Chester, mexer-se a seu lado. Então a mulher voltou a falar.

– A garota está muito mal.

O corpo de Jeanne gelou, enquanto sua mente buscava a imagem de uma Patti agitada, 22 anos, a caçula dos seis filhos, e uma das duas que ainda moravam em casa. Conseguiu balbuciar palavras que mal se ouviam.

– Como ela está?

– Sinto muito – disse gentilmente a

voz. – Talvez morra em instantes. Lamento.

Jeanne olhou para o homem com quem estava casada há 37 anos.

– É Patti – sussurrou, embora soubesse que ele sabia. – Disseram que não tem chance de vida.

Chester Szuber foi à cozinha, pegou o telefone e buscou maiores detalhes do hospital em Knoxville, a 800 quilômetros de sua casa em Detroit. Soube que Patti sofrera traumatismo craniano quando o carro em que estava bateu numa curva, num parque nacional.

Uma tristeza enorme abateu-se sobre ele. Sua maior alegria era a família grande e unida. Ele e Jeanne nutriam a expectativa de ver os quatro filhos e duas filhas prosperando e começando suas próprias famílias. Apesar de Chet nunca ter manifestado predileção por nenhum dos filhos, todos sabiam que, para ele, Patti era muito especial. Sua vitalidade e exuberância sempre o haviam atraído.

Desde o início, Chet e Patti eram tão próximos que os irmãos gostavam de brincar: “Se você quiser algo do papai, ponha as mãos nos quadris como Patti e pisque os olhos.” Isso, em grande parte, era verdade, mas ninguém parecia se ressentir.

No amanhecer de 18 de agosto de 1994, Jeanne e Chet esta-

vam sentados olhando um para o outro, paralisados, olhos vidrados, mudos, esperando os filhos chegarem para decidir o que fazer. A gata cinza e branca de Patti, confusa com a quebra da rotina, andava pela cozinha. Ela fora “resgatada” onze anos atrás daquilo que Patti, na época com 12 anos, insistia que seria uma vida miserável, sem a família Szuber. Para ela, a gata era uma das criaturas mais lindas que já tinha visto. E dera-lhe o nome mais elegante que pudera imaginar: Ashley Marlene. De onde vinha esse nome, ninguém sabia.

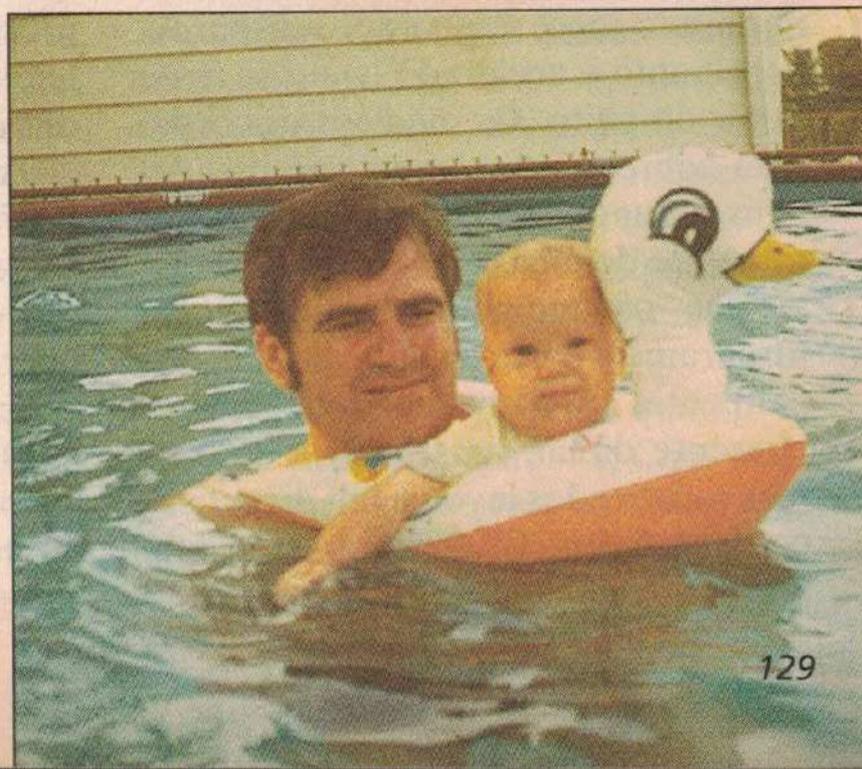
– Estou sonhando? – disse Chet a Jeanne, enquanto Ashley Marlene, refestelada no chão da cozinha, olhava para eles. – Estamos mesmo passando por isso?

### **Onde cresceu o amor**

**J**EANNE SZUBER embalava a recém-nascida e sorria, enquanto examinava o rostinho engraçado. Patrícia Jeanne fora o nome escolhido.

– Foi o bebê mais bonito – diz Chet.

*Desde seu nascimento, a vida de Patty ficou marcada pela frágil saúde de seu pai*



– Era tão cor-de-rosa e boazinha, e foi ficando cada vez mais bonita e doce com o tempo.

Jeanne e Chet levaram a pequena Patti para casa, em Berkley, cidade próxima a Detroit. Na rua arborizada, a casa dos Szuber é uma entre centenas de pequenos e aconchegantes lares numa vizinhança onde as famílias se conhecem há gerações. Jeanne Szuber cresceu a um quarteirão dali. Ela fala com afeto do lugar e observa, orgulhosa, que em sua casa e nas três vizinhas havia 20 crianças.

“A igreja disse para termos todas essas crianças, mas depois não nos disse o que fazer com elas!” Mas foi esse monte de crianças, e o amor por elas, que fez daquele o lugar perfeito para Patti Szuber, seus quatro irmãos e sua irmã.

Chet e Jeanne foram felizes no início, mas tiveram uma grave preocupação. Havia algo errado com o coração dele.

Nos primeiros dez anos, Chet parecia totalmente saudável. Com 1,90m de altura e 80 quilos, adorava jogar beisebol. Porém, ao completar 32 anos, tudo começou a mudar. Um dia, durante o jogo, seu coração disparou, barulhento e acelerado como se fosse saltar do peito. Os médicos discordavam sobre o que estava errado. Alguns sequer conseguiam detectar sintomas de doença cardíaca.

Mas os momentos assustadores tornaram-se parte da vida de Chet. Finalmente, após uma semana particularmente difícil, uma bateria de exames sofisticados levou a um diagnóstico devastador: Chet sofrera um ataque cardíaco.

– Sr. Szuber – disse o médico –, o senhor tem o coração de um homem de 70 anos.

O médico explicou que, devido à avançada arteriosclerose, as artérias de Chet, inclusive aquelas próximas ao coração, estavam obstruídas, muito mais do que seria de se esperar para um homem daquela idade. O resultado era o fechamento das artérias, e conseqüente ataque cardíaco.

– Mas como é possível? – perguntou Chet, citando sua vida saudável e sua aparente condição física. – Meus avós viveram até os 90 anos.

Então lembrou-se de algo que costumava esquecer: sua mãe, perfeitamente saudável, morrera de repente de ataque cardíaco, aos 56 anos.

– Você pode ter herdado o coração de sua mãe – disse o médico. – Seja qual for a causa, o problema é que seu coração não é bom.

Naquela época, há quase 25 anos, não existiam todos os recursos médicos de hoje para um homem na situação de Chet.

Aos 37 anos, quatro meses depois do ataque cardíaco, ele submeteu-se à primeira cirurgia. Nos 20 anos seguintes, teria muitos outros ataques cardíacos e sofreria mais cinco cirurgias.

Por três vezes – em 1973, 1982 e 1987 – sofreu cirurgias maiores para substituir artérias obstruídas do coração. Na última, enfartou na mesa de operação, e foi um milagre ter saído vivo.

O nascimento de Patti em 1971, apenas um ano antes do grave enfarte do pai, deu-se num momento em que ele percebia que tinha um coração

fraco e que devia curtir os filhos enquanto era possível. Patti não era só a caçula, cinco anos mais nova, dos Szuber, mas também dos amigos da vizinhança.

Desde os primeiros dias, era afagada por todos. Os irmãos brigavam para ver quem ia segurá-la, dar-lhe comida, botá-la na cama. Daí surgiu uma confiança que dava a Patti a certeza de ser bem-vinda em qualquer lugar, e uma generosidade que a fazia querer dividir o calor e o carinho nela depositados.

Ainda pequena, costumava ir de triciclo fazer visitas pela vizinhança. Aluna da escola primária local, tinha o hábito de vir almoçar em casa trazendo um amigo, geralmente alguém novo na área ou que estivesse meio solitário.

Era uma criança cheia de afeto e vitalidade. Estava sempre rindo e falando, movimentando as mãos, sorrindo.

Para Jeanne, uma das mais ternas características de Patti era que adorava encostar-se nela. Em pé ou sentada – criança e depois adolescente –, sempre procurava encostar-se na mãe, abraçando-a.

Num outro sentido, Patti também se apoiava no pai, sério e trabalhador. Filho de fazendeiros poloneses do norte de Michigan, Chet cresceu trabalhando na fazenda da família no final dos anos 40. Sonhava estudar Direito, mas o sonho acabou quando conheceu Jeanne Wood no colégio. Logo estavam casados.

Extremamente falante, rosto forte, anguloso, Chet achou-se apto a trabalhar como vendedor e, durante 16

anos, vendeu aparelhos e suprimentos na Sears. A família vivia aumentando e, para ganhar um dinheiro extra no Natal, ele começou a transportar pinheiros do Canadá para vender na feira em Detroit. Logo, toda a família estava envolvida, até Patti, a caçula, que decorava as árvores.

Naqueles dias o coração de Chet já tinha problemas. Em 1980 ele desistiu de vez do emprego na Sears. Era impossível continuar, tinha que ficar em casa. Patti estava com oito anos. Devido à doença, ela e o pai passavam mais tempo juntos.

E o lugar de que ambos mais gostavam era a feira de Detroit, onde centenas de vendedores se reuniam o ano todo para oferecer todos os produtos imagináveis, desde hortaliças e carnes frescas ou defumadas até galinhas, patos e coelhos vivos. O peixe fresco era arrumado em balcões de gelo picado. Pães e conservas caseiras, bem como todo tipo de quinquilharias e acessórios domésticos, eram vendidos ali.

Nos frios meses de dezembro, Chet e os filhos vendiam suas árvores e ornamentos. Como os outros vendedores, Chet gostava que fizesse bastante frio, pois os fregueses se decidiam mais rapidamente, dizia. Patti adorava o clima alegre da feira, música de Natal, chocolate quente e comidas como castanhas assadas, rosquinhas e salsichas. E adorava etiquetar as árvores com o pai.

Na véspera de Natal, quando a venda finalmente acabava, Chet estava tão cansado que caía na cama. Mas para Patti a animação estava só começando. Ela escolhia com antecedência

a árvore da família, e opinava bastante na decoração.

Paul Pelto, um dos maiores amigos dos Szuber, ainda se lembra bem de uma noite de Natal. Ele chegou à casa dos Szuber vestido de Papai Noel, levando presentes para as crianças. Diante da ilustre presença na sala de visitas, a pequena Patti, com uns quatro anos, olhou fixamente para ele, sorrindo meio tímida. Pelto começou a imaginar se ela desconfiava quem ele era.

– Então – conta – ela agarrou sua boneca preferida, correu e a entregou-me, como se quisesse dar um presente a Papai Noel, antes de receber. Ela era assim.

### Amizade-problema

**H**AVIA TAMBÉM um lado forte, briguento, em Patti. Ela não tolerava preconceito, defendia os oprimidos e, acima de tudo, amava as criaturas abandonadas como Ashley Marlene. Este instin-

*Patti e Todd na véspera do acidente. "Não há palavras para descrever o horror que eu senti", disse ele*

to tornou-se a fonte de muitas brigas entre Patti e o pai.

Uma de suas maiores desavenças foi sobre a amizade de Patti com um garoto livre e errático chamado Todd Herbst, um vizinho que Chet via como grande problema. Para Chet, Todd constantemente tinha grandes planos, mas nunca os executava. Ele dizia a Patti: "Esse garoto só fala, não faz." Chet via Todd como um jovem incompetente que desfilava com roupas e cortes de cabelo estranhos para agredir as pessoas normais, como ele.

Mas Todd e Patti conheciam-se desde a quinta série. Andavam de bicicleta juntos, acampavam e jogavam *pinball* no clube. Gostavam de conversar no cemitério local, sempre sen-

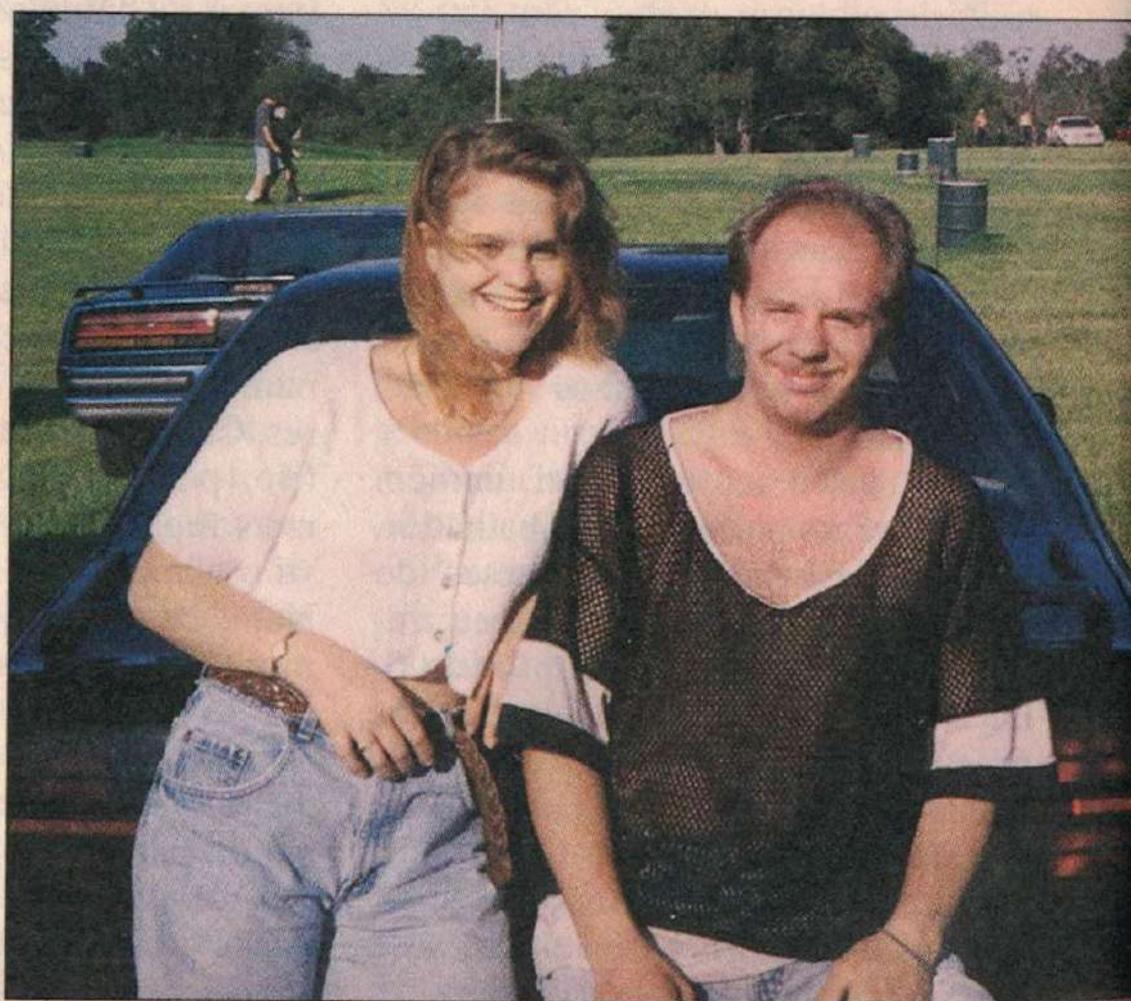


FOTO: CORTESIA DA FAMÍLIA SZUBER

tados na grande pedra marcada com o nome "Gilbert".

Cresceram juntos e, ao ficar mais velhos, mantiveram a amizade. Gostavam de sair para dançar ou jantar num dos restaurantes excêntricos onde Todd trabalhava como garçom.

Chet temia que Todd tivesse má influência sobre a filha. Jeanne, entretanto, achava que Patti sentia que Todd precisava de ajuda, como as crianças solitárias que costumava trazer da escola. Mas Chet não se convenciu.

O que piorava as coisas é que Todd estava sempre na casa dos Szuber, com seu cabelo pintado de verde e, mais tarde, de laranja. Quando aparecia na porta, Chet olhava para ele e gritava: "Patti, seu amigo está aqui."

Chester Szuber agradecia que, pelo menos, Todd e Patti não tivessem nenhum interesse romântico um no outro. Na verdade, Patti tinha vários namorados, mas eles nunca interferiam na sua durável e descomplicada amizade com Todd Herbst, fosse qual fosse sua cor de cabelo.

Patti uma vez explicou à mãe sua amizade: "Quando digo algo a uma garota, ela conta para todo mundo. Mas em Todd posso confiar. Ele é totalmente discreto. Pode haver amigo melhor?" Depois do ginásio, levada pela precária saúde do pai, Patti foi estudar enfermagem, pensando em ser instrumentadora cirúrgica. Nas horas vagas ganhava dinheiro trabalhando com um médico e, depois, como recepcionista de um hotel local.

Quanto a Todd, continuou como garçom, orgulhoso do fato de que os

restaurantes que o contratavam eram incrivelmente modernos.

Não importa o que estivessem fazendo, ele e Patti continuavam tão amigos quanto antes.

DUAS DÉCADAS depois de começar a vender árvores de Natal, Chet, com a ajuda da família, transformou seus 400 acres no norte de Michigan, onde nascera, numa fazenda de pinheiros. Ele planejou o crescimento das árvores e o desenvolvimento do negócio. Foi um longo processo, mas no início dos anos 90 vendia milhares de suas árvores todo ano, na feira. Porém, estava tão debilitado que só podia cuidar da fazenda algumas horas por dia.

Em casa, dificilmente saía da cama, e ficava exausto indo de um cômodo a outro. Seus filhos e amigos tiveram que ajudá-lo, no bosque, a montar um animal durante a temporada de caça.

De natureza enérgica e empreendedora, Chet agora era só dor e letargia. Aos 58 anos, sua vida terminara. A única coisa que a família podia fazer era rezar. Uma cirurgia reparadora seria muito arriscada. Há quatro anos ele esperava um doador para transplante de coração. A cada semana sentia-se pior, mais ainda com a terrível certeza de que uma pessoa saudável teria que morrer para que ele vivesse.

Uma noite, Todd Herbst fez uma de suas freqüentes visitas, passando por um Chet aborrecido, para ver Patti. Quando o rapaz e a garota jogavam cartas e assistiam à televisão tarde da noite, surgiu um programa sobre pessoas mortas em acidente de carro.

– Se eu morresse – declarou Patti –, gostaria que meu pai usasse meu coração.

Ela dissera isso várias vezes a Todd. Mas, naquele momento, ele disse:

– Aposto que se eu morresse e oferecessem meu coração a seu pai ele recusaria!

– Provavelmente – concordou Patti, rindo da eterna rivalidade entre o pai e o amigo.

### Despedida

**H**ORAS DEPOIS do telefonema do hospital, a família mais uma dúzia de amigos e parentes dirigiu-se a Knoxville, para ficar à cabeceira de Patti. O tempo todo, Jeanne e Chet diziam que tinham falado com Patti apenas algumas horas antes do acidente. O tempo todo, repetiam os fatos que haviam culminado naquele pesadelo.

Como último passeio antes de voltar à rotina do curso de enfermagem, ela e Todd programaram um acampamento nas montanhas. O clima de agosto nas montanhas era maravilhoso. A neblina flutuando sobre os vales, subindo lentamente, encantava a ambos.

Os dois amigos acamparam em Kentucky na primeira noite e chegaram ao Tennessee no segundo dia. Em Gatlinburg, pagaram 20 dólares por um passeio de helicóptero sobre as montanhas. Olhando para baixo, podiam ver os vales e os picos cobertos pela névoa de verão típica do lugar. O passeio de helicóptero – Patti foi primeiro – fora tão emocionante que, de

volta ao solo, ela telefonou para contar aos pais o quanto estava se divertindo.

Depois de armar a barraca, ceia-ram e, mais tarde, descobriram um lugar à beira da estrada chamado *E aí?*, cheio de música e jovens. Fizeram amigos lá e foram todos para uma festa nas imediações. “Foi tão divertido, dançamos e bebemos cerveja”, diz Todd hoje. “Mas vimos que um de nós tinha que dirigir, então parei de beber uma hora e meia antes de sairmos. Sempre fomos cuidadosos nesse ponto...”

Suas boas intenções foram prejudicadas pelo álcool e pela velocidade. A batida ocorreu às 2h20min, numa curva nas montanhas. Excedendo o limite de velocidade em 30km/h, Todd perdeu o controle e chocou-se contra uma rocha. Segundo a polícia, o carro deslizou quase 300 metros e capotou várias vezes. Nem Patti, nem Todd usavam cinto de segurança.

Quando o veículo parou, Patti foi jogada para fora e jazia no chão, inconsciente, o sangue escorrendo das costas e da cabeça. Uma mecha de seu cabelo foi encontrada no asfalto a 20 metros de distância. Todd tinha inúmeros cortes e escoriações, mas nenhum ferimento grave.

Os paramédicos, alertados pelos motoristas, chegaram logo. Em seguida, um helicóptero de resgate levou Patti para o Centro Médico da Universidade do Tennessee em Knoxville, a 15 minutos dali.

O nível de álcool no sangue de Todd era 0,14, bem acima do limite legal para intoxicação, 0,10. Ele foi le-

vado pela polícia para tratar dos ferimentos e depois acusado de várias infrações, inclusive dirigir bêbado. Passou a noite na cadeia e foi libertado na manhã seguinte. Pediu a um policial que o levasse a Knoxville, a 30 quilô-

metros dali, para que pudesse ver Patti. Tinha certeza de que ela ficaria boa.

Mas no hospital, Todd soube a verdade cruel. Patti sofrera grave traumatismo craniano e sua vida era man-

## Próximo mês

# O último passageiro

Depois de cinco horas frustrantes em lista de espera, Jerry Schemmel conseguiu um lugar no voo para Chicago. Mas o enorme DC-10 jamais chegaria ao seu destino

Fique de olho nestes e outros artigos selecionados e condensados com o que há de melhor para sua leitura.

### POR QUE VOCÊ AMA QUEM AMA

Que força misteriosa nos empurra para os braços de uma pessoa, enquanto nos afasta de outra? Com quem podemos ser felizes?

### VIDA EM MARTE

O cientista David McKay ficou fascinado com aquela rocha. Se ele estivesse certo, poderia fazer uma das mais importantes descobertas dos tempos modernos.

### CRIANÇAS QUE VIVEM SEM PAIS

O divórcio, o abandono de lar e o advento da produção independente criam uma condição especial para muitas crianças de hoje.

tida por aparelhos. Soube também que Jeanne e Chester Szuber – assim como numerosos parentes, amigos e vizinhos, inclusive seus próprios pais – estavam a caminho do Tennessee.

“Não há palavras para o que senti”, diz ele. “Minha melhor amiga estava morrendo, e eu era responsável. Fiquei petrificado de imaginar a cara do Sr. Szuber.” Durante o dia, enquanto esperava que os outros chegassem, Todd ia constantemente ver Patti. Sentava a seu lado na cama, chorando e segurando-lhe a mão.

Um dos primeiros a chegar, depois de dirigir a noite toda, foi Thom Bishop. Patti fora sua namorada por muito tempo. Thom também conhecia Todd Herbst há anos. Ele o via como

uma pessoa inofensiva, alguém de quem Patti era extremamente próxima, e a quem tentava ajudar.

“Quando vi Todd ali” – diz Thom –, “tive que parar para pensar. Eu amava Patti. Não sabia se queria bater nele ou abraçá-lo. Conheço gente que teria vontade de matá-lo naquele instante.” Quando Thom se aproximou de onde Patti estava, instintivamente abraçou Todd, e os dois choraram.

Depois de sair um pouco para espalhar, Todd voltou ao quarto e ficou cara a cara com Jeanne e Chester Szuber. Não sabia se seria melhor sumir ou ficar e se expor à fúria de Chet. Quase paralisado de medo, Todd ficou mudo quando eles se viraram em sua direção.

## Garanta que Seleções o acompanhará!

**PARA MUDAR SEU ENDEREÇO:** Escreva para a nossa Central de Atendimento 60 dias antes de sua mudança. Cole sua etiqueta de endereçamento, com o endereço antigo, na área azul, ou simplesmente preencha os campos abaixo:

CÓDIGO DO ASSINANTE	<input type="text"/>
NOME COMPLETO	<input type="text"/>
CEP ANTIGO	<input type="text"/>

Envie este cupom para Reader's Digest  
Caixa Postal 13.750 - CEP 20217.970 - RJ

### NOVO ENDEREÇO

RUA/Nº	<input type="text"/>
CIDADE	<input type="text"/>
CEP	<input type="text"/>
ESTADO	<input type="text"/>
TEL	<input type="text"/>

MUDANÇA DE  
**ENDEREÇO?**

“Assim que me viu, Jeanne abraçou-me e disse que me amava”, conta. Ela sempre gostara dele e achava que a influência de Patti lhe era positiva. Um instante depois, Chet o abraçava calorosamente, dizendo saber que ele nunca faria nenhum mal a Patti de propósito. Tudo que Todd pôde fazer foi chorar com alívio.

Depois Jeanne e Chester Szuber entraram no quarto para se despedir da filha para sempre. Os médicos disseram-lhes que o cérebro dela estava tão destruído que não havia esperança de vida. Com os lábios trêmulos, Chet abaixou-se e beijou o rosto frio de Patti. Lágrimas escorriam-lhe pela face quando ele segurou com as duas mãos uma das mãos dela. Jeanne ficou em pé do outro lado da cama, segurando a outra mão e alisando os cabelos da filha. A não ser por algum inchaço e uma escoriação no olho esquerdo, Patti parecia estar dormindo.

Jeanne e Chet podiam ver os monitores verdes-vivos com linhas irregulares, mostrando forte atividade no coração da filha. Contrações do corpo e movimento numa das pernas alimentavam suas esperanças de que a qualquer momento sua adorada filha iria acordar e ficar boa.

Mas isso não aconteceria.

### **A herança de uma filha**

**A** MÃO GROSSA de Chester Szuber movia a caneta deliberadamente pelos espaços em branco dos formulários na mesa de centro à sua frente. Seus lábios tremeram quando assinou, dando permissão para que os tecidos e ór-

gãos de sua filha fossem removidos e transplantados em outras pessoas cujas vidas seriam renovadas. Sabia que era esse o desejo de Patti. Quando tinha 18 anos, ela assinou um cartão de doadora de órgãos e desde então vivia pedindo aos outros que fizessem o mesmo.

A seu lado naquele momento terrível estavam a mãe de Patti, seus irmãos e irmã, e o padre que dera a extrema-unção. A morte cerebral fora anunciada às 11h35min da manhã daquele domingo, três dias depois do acidente. Agora os aparelhos manteriam o corpo funcionando até que os órgãos fossem removidos.

Susan Fredenberg, enfermeira com experiência em serviços de doação de órgãos, orientava Jeanne e Chet naquele processo doloroso. Amável, 30 e poucos anos, fazia contato com a família do doador e providenciava a doação.

Uma noite antes de Patti ser declarada morta, Susan sugeriu a Chet que, legalmente, poderia ser o receptor do coração dela. Ele imediatamente rejeitou a idéia, e Susan convenceu-se de que ele não tinha pensado no que ela dissera, se é que a tinha ouvido.

Agora, declarada a morte de Patti e assinados os formulários de doação, Susan voltou ao assunto:

– Sr. Szuber, precisamos conversar sobre o coração de Patti. É possível que seja transplantado no senhor.

Chet ainda não alcançava o que a mulher dizia. Estava consumido pelos problemas imediatos do enterro, do traslado do corpo e da volta da família a Michigan. Balançou a cabeça,

pensando, *o que ela está dizendo?*

Depois, quando entendeu, ficou chocado. A idéia nunca lhe ocorrera nem de longe. Se aceitasse, cada batida daquele coração o faria lembrar da filha. Muito melhor morrer, pensou.

Olhou para Susan.

– De jeito nenhum! – disse, quase feroz. – A resposta é não. Nunca!

– Sr. Szuber – disse Susan gentilmente –, Patti não pode viver. Mas talvez o senhor possa.

Lágrimas brotaram-lhe dos olhos, enquanto ele repetia:

– De jeito nenhum.

Susan retirou-se rapidamente. Ela passou a hora seguinte cuidando do corpo e localizando receptores para os órgãos.

De volta ao pequeno quarto que o hospital havia arranjado para a família, Chet deitou na cama e fechou os olhos. Nunca fora tomado por tantas emoções. Queria ter sossego para planejar o enterro.

Deitado ali, ocorreu-lhe um pensamento: *Será que Patti gostaria que eu ficasse com seu coração? Seria mais importante para ela dar, do que para mim receber?* Levantou-se e saiu do quarto, caminhando até um pequeno pátio onde a mulher e um dos filhos estavam sentados conversando. Pediu a Jeanne que o seguisse até o quarto.

– Como você reagiria se eu ficasse com o coração dela? – perguntou quase bruscamente.

Jeanne ficou aturdida pela mudança na posição de Chet, e apavorada diante da idéia de o marido não sobreviver à cirurgia.

– Não podemos fazer isso – disse. –

Acabei de perder Patti, não vou perder você também. E como faremos o enterro de Patti se você estiver no hospital?

Apenas a idéia levou-a às lágrimas. Mas achou que devia ouvir os filhos. Voltou para o pátio e sentou a poucos metros da janela.

De dentro do quarto Chet podia ouvir as vozes dos filhos que tinham ido se despedir antes de pegarem o vôo de volta a Michigan. Houve um súbito silêncio quando Jeanne falou.

– Ofereceram o coração de Patti a seu pai – disse suavemente. – O que acham?

Depois, Chet ouviu as vozes dos filhos em tom afirmativo. Não distinguia as palavras, mas a mensagem era inconfundível. Jeanne disse solenemente:

– Vão ver seu pai.

A seguir, os filhos encheram o quarto de Chet. Um a um, disseram que aquela era exatamente a vontade de Patti, que nada significava mais para ela do que o pai poder usar seu coração.

Instantes depois chamaram Susan Fredenberg. Reunindo suas forças e de novo no comando, Chet virou-se para Susan e para a família e disse com firme dignidade:

– Seria um prazer ter o coração de Patti.

### Jogo de espera

**O** DR. JEFFREY ALTSHULER, em férias, naquele domingo saía de sua casa perto de Detroit às 16h30min, a caminho de uma pista de hóquei onde pretendia

divertir-se por algumas horas. Um telefonema alcançou-o na porta. Cirurgião com experiência em mais de 70 transplantes de coração, Altshuler estava habituado a ter as férias interrompidas.

Nos minutos seguintes, iniciou-se uma história extraordinária. A coordenadora de transplantes Caroline Medcoff disse a Altshuler que a filha de seu paciente, Chester Szuber, tivera morte cerebral num hospital de Knoxville, mas o coração ainda batia. Testes iniciais indicavam que havia chances de o transplante dar certo.

A questão imediata era fazer o transplante no Tennessee ou em Michigan. Logisticamente, no Tennessee fazia mais sentido, mas não seria possível tomar as providências necessárias com rapidez. Além disso, a família insistia que a operação fosse em Michigan, de modo que pelo menos os outros parentes, à exceção de Chet, pudessem ir ao enterro.

A principal questão a ser resolvida era se o coração de Patti serviria para seu pai. O Dr. Altshuler não podia decidir até ter nas mãos o coração e examiná-lo.

Mas, até onde sabia, nunca o coração de um filho fora transplantado no próprio pai.

Um dos primeiros telefonemas de Altshuler foi para Max Freeman, engenheiro da General Motors e também sócio de uma transportadora aérea. Ele e Altshuler tornaram-se amigos com o tempo e, sempre que solicitado, Freeman transportava equipes para transplantes e recuperação de órgãos.

– Sairemos por volta de uma da manhã – disse o cirurgião. Ele instruiu sua equipe para reunir-se no hospital à meia-noite para as instruções. O tempo seria um fator crítico, porque não podiam passar mais de quatro horas entre a retirada do coração do doador e o momento em que ele voltaria a bater no peito do receptor.

Enquanto Altshuler estivesse viajando 1.600 quilômetros para recuperar o coração de Patti, seu colega cirurgião, o Dr. Francis L. Shannon, esperaria no Hospital William Beaumont, em Royal Oak, perto de Detroit, para que Chet estivesse pronto para o implante assim que o coração chegasse.

Enquanto isso, Jeanne e Chet saíram de Knoxville e chegaram ao hospital logo depois da meia-noite. Estavam sozinhos no quarto de Chet, esperando o Dr. Altshuler.

– Só temos que nos lembrar de uma coisa – disse Chet a Jeanne. – Esta era a vontade de Patti.

– Há outra coisa – disse Jeanne, pensando em seus 37 anos de casamento e no fato de que este poderia ser seu último momento juntos. – Sei que sempre amamos um ao outro, mas lamento que não o tenhamos dito mais vezes.

Chet abraçou-a.

O Dr. Altshuler, homem gentil, calmo, de uns 40 anos e farta cabeleira preta, entrou no quarto. Esta seria a última oportunidade que ele e Chet teriam de conversar antes da cirurgia, e queria ter certeza de que o paciente estava ciente dos riscos e tranquilo, diante de todo aquele desgaste emocional.

Ele explicou todo o procedimento: voaria para Knoxville, removeria o coração de Patti e o traria de volta para este hospital. O médico estava convencido de que Chet poderia agüentar o trauma – conclusão baseada em quase quatro anos de contato com o paciente. Sabia que o Sr. Szuber era bastante ponderado e que se tomara aquela decisão, é porque era a decisão certa.

Quando Altshuler saía, Chet chamou-o. Pensou em Patti e, com voz trêmula, fez um apelo final.

– Por favor – disse. – Seja cuidadoso.

– Vôo salva-vidas – anunciou Max Freeman à torre enquanto o brilhante avião branco corria pela pista de decolagem à 1h20min daquela segunda-feira. Para os controladores de vôo a designação – salva-vidas – é o mesmo que as luzes e a sirene são para o tráfego terrestre. Significa que se deve dar àquele vôo prioridade para decolagem e aterrissagem, bem como as melhores rotas para Knoxville.

Instantaneamente o jato alçou vôo na noite, passando sobre Detroit e tomando o rumo sul, para o leste do Tennessee. Logo cruzava os céus a 650 quilômetros por hora e a 12.000 metros de altitude.

Na cabine, iam o Dr. Altshuler e os três membros de sua equipe, sentados em silêncio. Lynn Flores fizera outras viagens para transplante com o cirurgião, mas nenhuma como esta. “É sempre triste e emocionante, mas agora é diferente. Fico pensando em mim e nos meus filhos.”

A função de Flores é administrar as drogas que fazem parar o coração. Só

então ele pode ser removido e posto no gelo. Do instante em que ele pára, começa a contagem do tempo até que volte a bater no peito do receptor. Quatro horas é o limite ótimo para que fique em repouso. No chão, atrás de Flores, vai a maleta com seus medicamentos e instrumentos, bem como uma pequena caixa térmica vermelha e branca.

O avião desceu em Knoxville às 2h50min e foi para um pequeno galpão da companhia. A equipe entrou numa ambulância, deixando Max Freeman e seu co-piloto prontos, à espera, no avião.

No hospital, o peito de Patti foi aberto e o coração pulsante, exposto. Apesar da morte cerebral, o doador é tratado como se estivesse vivo. Na verdade, sob alguns aspectos, parece que está, com o monitor piscando e apitando ao detectar o funcionamento dos órgãos.

O Dr. Altshuler levou alguns minutos examinando o coração de Patti, checando se havia alguma lesão do acidente que pudesse causar complicações. Visto que o coração era saudável, Lynn Flores injetou as substâncias na aorta, provocando uma cardioplegia por potássio.

O coração de Patti bateu pela última vez às 3h56min. As linhas nos monitores ficaram retas; os pequenos bips cessaram. O silêncio tomou conta do quarto.

– Guardamos nossas emoções conosco – diz Lynn Flores. – Mas nesse momento sempre rezo, e naquela noite rezei por Patti.

Então o Dr. Altshuler removeu o



*O legado de Patti transformou a vida de seu pai (na foto, brincando com os netos)*

coração. Depois de uma inspeção final, colocou-o na caixa com gelo. A seguir, telefonou para seu colega em Michigan, para que preparasse Chester Szuber. O coração de sua filha estava a caminho.

### **Fator tempo é crítico**

**N**O AERÓDROMO de Knoxville, no silêncio da noite, o piloto Max Freeman, envolto em pensamentos, esperava a volta da equipe médica. Ele viu outro pequeno jato, num vôo salva-vidas, chegar rapidamente trazendo outra equipe de transplante. Algumas vezes vira até quatro jatos chegarem e depois ganharem o espaço na noite em diferentes direções, levando o presente

mais precioso que se pode ganhar.

No caso de Patti, seus órgãos deixaram Knoxville naquela noite e levaram a esperança de visão para duas pessoas, rins para duas outras, um fígado para uma menina de 15 anos de idade e o coração para Chet.

– É durante a espera que se tem tempo de pensar – diz Freeman. – A tecnologia a serviço de uma missão dessas é o máximo: os cirurgiões, os técnicos especializados, o equipamento para manter os órgãos. É realmente o que há de mais moderno na Medicina. E ainda um avião cuja velocidade determina se tudo isso vai funcionar ou não.

Por volta de 4h25min o Dr. Altshuler e sua equipe estavam a bordo.

Freeman apressou-se, e o jato levantou vôo na noite quente do Tennessee, voando veloz em direção a Detroit, onde os cirurgiões já abriam o peito de Chester Szuber. A equipe estava tensa devido ao horário apertado. A caixa de gelo ia no chão ao lado de Lynn Flores. Enfrentando fortes ventos em todo o percurso, Freeman contava cada minuto.

Amanhecia quando o jato pousou no aeroporto de Detroit, às 6h10min. Ao lado do galpão, um helicóptero verde e branco esperava, pronto para levar a equipe e o coração ao Hospital de Beaumont. Embarcaram rapidamente, e 15 minutos depois estavam no heliporto de Beaumont.

Quando o Dr. Altshuler entrou no centro cirúrgico, o peito de Chet já fora aberto, e um aparelho a seu lado o mantinha vivo. Ignorando o cansaço, o médico imediatamente removeu o coração velho e começou a suturar o coração de Patti no peito de seu pai.

Finalmente, missão cumprida, o cirurgião retirou os instrumentos do campo cirúrgico e passou o sangue de Chet do aparelho para o novo coração. É só neste momento que se sabe se ele irá funcionar ou não. E, para aumentar a preocupação da equipe, o coração de Patti ficara em repouso quase duas horas além das quatro recomendáveis.

Instantaneamente, às 9h47min, o coração de Patti bateu para a vida, bombeando sangue pelo corpo de seu pai com uma força que ele não sentia há um quarto de século. Ao contrário de um coração regenerado, que pode levar meses até atingir todo o seu po-

tencial, um coração saudável transplantado quase sempre atinge seu potencial imediatamente.

Quando Chet recuperou a consciência, pouco depois do meio-dia, uma das primeiras coisas que chamaram a atenção dele foi a clareza de sua mente. Após as cirurgias, ele costumava ficar tonto, confuso e com dor, até voltar a si novamente.

Mas desta vez as sensações eram completamente diferentes: "Sabia que minha memória estava deteriorada, mas não tinha noção do quanto era nebulosa até acordar naquele dia. Minha mente funcionava como a de uma criança. Eu sabia exatamente o que ia acontecer, e que tudo tinha corrido bem. Até a dor pós-cirúrgica foi leve."

Quando Jeanne foi vê-lo naquela tarde, ficou bastante emocionada. Só conseguia pensar que o corpo de Patti estava no Tennessee, mas o coração batia ali, no peito de Chet.

O que Jeanne observou foi mais do que um dia sonhara possível. "O rosto de Chet estava rosado, e não cinza como sempre", diz, ainda mal controlando as emoções. "Seus lábios não estavam mais brancos, e sim vermelhos. Os olhos eram claros e brilhantes, como os de Patti."

Em poucas horas, Chet sentava na cama. No dia seguinte estava de pé, e deu alguns passos. Conforme os médicos previram, suas emoções variavam de grande alegria a profunda tristeza, ao pensar na filha.

Dias depois a família reuniu-se em Berkley, na Igreja de Nossa Senhora de LaSalette, para o enterro de Patti.

Chet descansava no hospital, com alguns amigos próximos. Um deles era Paul Pelto, o Papai Noel a quem a pequena Patti oferecera sua boneca. Quando olhou para o recém-transformado Chet, Paul lembrou-se da generosidade de Patti – um instinto que acabou se revelando tão profundo quanto a própria vida.

### Uma prece e uma promessa

**F**AZ MAIS de dois anos que o coração de Patti dá a seu pai uma vida nova que ele nunca imaginara. Chet possui uma energia que permite a ele fazer coisas que a doença não deixava, como caçar veados no gelado clima subártico. A fazenda está prosperando como nunca.

O responsável pela fazenda dos Szuber é o filho Bob. No fim de um longo dia de verão, quando viu Chet trabalhar como há anos não fazia, ele se deu conta de que a irmã presenteara o pai. “Vi Papai chegando em casa de trator, sorrindo, com um neto em cada joelho, e foi então que entendi. Patti ficaria muito emocionada.”

Chet pensa em Patti o tempo todo, como se ela fosse uma companhia constante. Ele está sempre em contato com seu médico do Hospital Beaumont, de quem segue os conselhos. “Não estou só cuidando de mim, estou cuidando de Patti também.”

Quando não está trabalhando na fazenda, Chet viaja pelo país contando a história dos presentes de vida da filha e pedindo que as pessoas entendam a importância de seu exemplo.

– Patti pode ter partido – diz Jeanne –, mas não morreu. Ela vive nos

outros. E todos nós podemos, e devemos, fazer o mesmo.

– O que aconteceu aqui – acrescenta Chet – é o maior milagre deste lado do paraíso. Às vezes, a missão de uma pessoa só começa depois que ela morre.

Ocasionalmente, Chet até sente que o coração de Patti traz outros sentimentos também. Quando aconselhado a processar Todd Herbst, recusou-se. Quando Todd foi acusado por homicídio culposo, segundo leis federais – já que o acidente ocorrera num parque nacional –, Chet apelou ao juiz que abrandasse a pena, alegando que o jovem já fora bastante punido com a perda da melhor amiga. (Todd foi condenado a um ano de prisão. Saiu em 1996 e agora terá mais um ano de período probatório.)

No primeiro dia de primavera, com a neve ainda no ar, Chester e Jeanne Szuber visitam o túmulo de Patti, o mesmo onde ela e Todd se encontravam para conversar, na antiga inscrição “Gilbert”. Fica a apenas alguns quarteirões da casa dos Szuber.

Jeanne e Chet limpam o túmulo, retirando pequenos gravetos e folhas trazidos pelo vento de março. Chet aponta as palavras gravadas na pedra, seus dedos quase tocando a inscrição: “O Anjo mais Feliz do Paraíso”.

– Acha que ela é mesmo? – pergunta Jeanne.

O rosto forte de Chet franze-se um pouco e seu queixo se contrai.

– Espero que sim – diz calmamente.

É uma esperança bem fundada. Mexendo nas coisas de Patti depois de

sua morte, Jeanne encontrou um cartão cheio de corações que ela dera a Chet no Dia dos Pais, em 1992. Nele, escrevera uma prece e uma promessa:

“Tenho muito orgulho de sua força e coragem. Tudo vai correr bem, e você ficará feito novo outra vez. Com amor, sempre, Patti.”

## O PRESENTE DA VIDA

Apesar dos enormes avanços na tecnologia de transplante de órgãos, milhares de pessoas morreram desnecessariamente ano passado, à espera de transplantes. Elas poderiam ter vivido, se houvesse maior consciência da importância da doação de órgãos. Nos dez primeiros meses de 1996, de acordo com dados do Censo Nacional de Transplante de Órgãos, 2.209 brasileiros receberam órgãos transplantados.

Você não precisa ser jovem – como Patti Szuber – para possuir órgãos e tecidos que podem trazer vida a alguém doente. Na verdade, mesmo pessoas de 70 e até 80 anos podem ser bons doadores de córneas.

No dia 5 de fevereiro o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou lei que regulamenta os transplantes no Brasil, criando a doação presumida de órgãos. Por ela, todos os brasileiros passam a ser doadores automáticos, a menos que expressem vontade em contrário na carteira de identidade ou de motorista.



### Inteligência galopante

DOIS VELHOS AMIGOS compraram um cavalo para cada um, usando o dinheiro que ganharam com uns trabalhos extras feitos durante o verão. Mas, quando o inverno chegou, descobriram que ficava muito caro manter os cavalos bem alimentados. Por isso, procuraram uma pastagem onde havia o que comer e soltaram os dois cavalos lá, satisfeitos com a solução que encontraram.

– Como é que vamos distinguir o seu cavalo do meu quando viermos buscá-los outra vez? – perguntou um deles.

– Isso é fácil – respondeu o segundo. – Cortamos a crina do meu e o rabo do seu.

Na primavera, a crina e a cauda já tinham crescido e ficado do tamanho normal.

– E agora, o que é que fazemos? – perguntou o primeiro.

– Por que é que você não fica simplesmente com o preto? – disse o segundo. – E eu fico com o branco.

Darin Lewandowski, citado por Sam Lowe em *Phoenix Gazette*



# ENTRE ASPAS

Uma das maiores vitórias que você pode obter sobre alguém é vencê-lo em polidez.

Josh Billings

Um governo democrático é apenas tão forte quanto a consciência alerta de seu povo.

Charles W. Tobey, *The Return to Morality* (Doubleday)

A arte possibilita nos descobrirmos e nos perdermos ao mesmo tempo.

Thomas Merton, *No Man Is an Island* (Harcourt Brace)

Nosso ego é nosso sócio silencioso – freqüentemente detentor da maioria das ações.

Cullen Hightower

Nunca a alma humana surge tão forte e nobre como quando renuncia à vingança e ousa perdoar uma ofensa.

E. H. Chapin

Não existe grandeza quando a simplicidade, a bondade e a verdade estão ausentes.

Leão Tolstói, *Guerra e Paz*

O sucesso é sempre temporário. Quando tudo foi feito e dito, o que resta é o caráter.

Vince Gill

O amor é provavelmente o único vislumbre de eternidade que nos é concedido.

Helen Hayes

A confiança, tal como a arte, não deriva de termos respostas para tudo, mas de estarmos abertos a todas as perguntas.

Earl Gary Stevens, em *Home Education*

O que é a memória? Não é um armazém, nem uma arca no sótão, mas sim um instrumento que aperfeiçoa constantemente o passado para uma narrativa, acessível e aceitável para si próprio.

Stanley Kauffmann, em *The New Republic*

Enquanto procuramos ensinar a nossos filhos tudo sobre a vida, os nossos filhos nos ensinam o que é a vida.

Angela Schwindt

Para voar, temos de encontrar resistência.

Maya Lin, citada por Jim Sexton em *USA Weekend*